



**HOMENS NA ENFERMAGEM: FORMAÇÃO ACADÊMICA POSTERIOR À GRADUAÇÃO E TRAJETÓRIA PROFISSIONAL**  
**MEN IN NURSING: ACADEMIC EDUCATION AFTER GRADUATION AND PROFESSIONAL TRAJECTORY**

**HOMBRES EN LA ENFERMERÍA: FORMACIÓN ACADÉMICA POSTERIOR A LA GRADUACIÓN Y TRAYECTORIA PROFESIONAL**

*Kleber de Souza Costa<sup>1</sup>, Genival Fernandes de Freitas<sup>2</sup>, Ellen Maria Hagopian<sup>3</sup>*

**RESUMO**

**Objetivo:** identificar os homens egressos da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo desde sua fundação e analisar a formação acadêmica posterior à graduação e sua vivência profissional. **Método:** estudo histórico-social, descritivo-exploratório, de abordagem quantitativa, realizado por meio de coleta de dados no Serviço de Graduação com posterior questionário sociodemográfico. **Resultados:** dos 59 enfermeiros homens existentes em cinco décadas, compreendidas de 1950 a 1999, há informações sobre, nacionalidade, etnia, religião, idade de ingresso, bem como nacionalidades, formação e profissão dos pais dos egressos. Foram realizados 20 questionários com a população, assim elucidando a trajetória acadêmica e profissional. **Conclusão:** melhor compreensão sobre o perfil dos homens na enfermagem brasileira, principalmente em São Paulo, destacando a trajetória de uma população pouco estudada, à margem dos holofotes da profissão. **Descritores:** História da Enfermagem; Enfermeiros; Homens; Percepção Social; Estudantes de Enfermagem.

**ABSTRACT**

**Objective:** to identify men who have graduated from the School of Nursing of the University of São Paulo since its foundation and to analyze the academic education after graduation and their professional experience. **Method:** this is a descriptive-exploratory, historical-social study, with a quantitative approach. Data collection was carried out at the Graduate Service with a subsequent sociodemographic questionnaire. **Results:** There were 59 male nurses in 5 decades, from 1950 to 1999, with information about nationality, ethnicity, religion, the age of admission, as well as nationalities, education, and profession of their parents. **Conclusion:** a better understanding of the profile of men in Brazilian nursing, especially in São Paulo, highlighting the trajectory of a poorly studied population, highlighting the profession. A questionnaire was made with the population, elucidating the academic and professional trajectory. **Descriptors:** History of Nursing; Nurses, Male; Men; Social Perception; Students, Nursing.

**RESUMEN**

**Objetivo:** identificar a los hombres egresados de la Escuela de Enfermería de la Universidad de San Pablo, desde su fundación y analizar la formación académica posterior a la graduación y su vivencia profesional. **Método:** estudio histórico-social, descriptivo-exploratorio, de abordaje cuantitativo, realizada través de recolección de datos en el Servicio de Graduación con posterior cuestionario socio-demográfico. **Resultados:** de los 59 enfermeros hombres existentes en 5 décadas, comprendidas de 1950 a 1999, hay informaciones sobre, nacionalidades, raza, religión, edad de ingreso, así como; nacionalidades, formación y profesión de los padres de los egresados. Fueron realizados 20 cuestionarios con la población, elucidando así la trayectoria académica y profesional. **Conclusión:** mejor comprensión sobre el perfil de los hombres en la enfermería brasilera, principalmente en San Pablo, destacando la trayectoria de una población poco estudiada, al margen de los focos de la profesión. **Descriptor:** Historia de la Enfermería; Enfermeros; Hombres; Percepción Social; Estudiantes de Enfermería.

<sup>1,3</sup>Enfermeiros, Mestrados, Programa de Pós-Graduação em Gerenciamento em Enfermagem/PPGEn, Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo/EEUSP. São Paulo (SP), Brasil. E-mails: [klebercostausp@gmail.com](mailto:klebercostausp@gmail.com); [ellen\\_hagopian@yahoo.com.br](mailto:ellen_hagopian@yahoo.com.br); <sup>2</sup>Enfermeiro, Professor Doutor (Pós-doutor), Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo/EEUSP, São Paulo (SP), Brasil. E-mail: [genivalf@usp.br](mailto:genivalf@usp.br)

## INTRODUÇÃO

Quando se consulta o conhecimento popular, ou até mesmo quando se questiona os profissionais de saúde, é notório o fato de que a enfermagem é uma profissão exercida, majoritariamente, por mulheres, tanto em seu nível técnico, mas principalmente no nível superior. A participação masculina na enfermagem atual é de aproximadamente 15%, abrangendo todas as classes de trabalho; quando se fala apenas de enfermeiros, esse número cai para 12%; mesmo assim, isso representa um crescimento constante, que vem se confirmando, de forma gradual, desde a década de 1990.<sup>1</sup>

Essa diferença entre homens e mulheres nem sempre ocorreu dessa maneira. Na Antiguidade, "os cuidados", traduzidos hoje como "cuidados de enfermagem", eram praticados por homens e mulheres, mas o primeiro, principalmente em eventos de guerra, nos cuidados de feridos, em surtos de doenças e no cuidado caritativo oferecido pela igreja.<sup>2</sup>

Esse período é caracterizado por uma prática da enfermagem pré-profissional, com expressiva presença masculina, considerando as ordens militares e a presença de homens na igreja e no cuidado de doentes, a exemplo da Ordem dos Cavaleiros Hospitalares de São João de Jerusalém, a Ordem dos Irmãos de Santo Antônio, a Ordem dos Irmãos de Alexian, São João de Deus na Espanha, São Camilo de Lellis na Itália, São Vicente de Paulo na França e Padre jesuíta José de Anchieta no Brasil.<sup>3-7</sup>

A organização do ambiente hospitalar era feita por religiosos, ligados à Igreja, e o serviço que eles prestavam aos doentes podia ser visto como de natureza caritativa. A ação de cuidar dos doentes não era considerada como um trabalho ou uma profissão por quem o exercia, ao longo de séculos, chegando à Idade Média. Vale ressaltar, entretanto, que essas ordens militares foram desaparecendo ou sendo substituídas por outras instituições de acordo com as necessidades de cada época e localidade.<sup>8</sup>

Após a profissionalização da enfermagem através dos preceitos de Florence Nightingale, a enfermagem então surgiu como uma profissão digna que poderia ser exercida por mulheres, por meio de remuneração salarial e, assim, adquirir seu sustento.<sup>9</sup>

O modelo assistencial proposto por Florence se iniciou na Escola de Enfermeiras no Hospital Saint Thomas, em Londres, selecionando somente mulheres para o curso em regime de internato, desse modo, a

presença masculina passou a ser excluída da enfermagem no modelo nightingaleano.<sup>10</sup>

As enfermeiras eram formadas na escola para serem multiplicadoras de conhecimento e formar novas enfermeiras em regiões distritais. Eram convidadas para trabalhar em diversos hospitais dentro e fora do país e, em geral, dirigir e organizar serviços de enfermagem. Considerando a posição da Inglaterra como potência mundial na época e a decisão de criar enfermeiras que multiplicavam seus ensinamentos, não é difícil entender como o modelo nightingaleano foi difundido para muitos países com o passar dos tempos.<sup>9</sup>

Assim, à medida que se fortalecia a medicina moderna ou científica, inserida no contexto do modo de produção capitalista dos séculos XVIII e XIX, desloca-se a figura da enfermeira religiosa, porque essa não se submetia às ordens médicas, mas, sim, da hierarquia da Igreja. Por outro lado, a preferência dos médicos era pela mulher não religiosa, de conduta "dócil" e subserviente ao homem, médico, detentor do poder e da tomada de decisão em relação ao "*corpus*" da clínica, era a opção.<sup>11</sup>

Logo, ao passo que o hospital muda de configuração, deixando de ser uma instituição a que acorriam pobres desesperançados, para se tornar um espaço de poder e de ampliação e manifestação do saber e do poder do médico, tendo em vista a perspectiva da cura e não mais a salvação da alma do doente, deslocava-se a forte presença dos homens e das mulheres religiosas, para tornar-se um *locus* por excelência da formação e da *práxis* médica.<sup>12</sup>

O modelo nightingaleano foi marcado pela seleção feminina, dando-se início ao processo de feminização da enfermagem. Esse modelo implantou-se, no Brasil, primeiramente, no Hospital Samaritano, na cidade de São Paulo, em 1894, quando se criou uma Escola para a formação de enfermeiras, sob regime de internato, que visava formar apenas enfermeiras do sexo feminino, sendo uma das *matrons* desta instituição a Senhorita Louise Madein.<sup>13</sup>

Posteriormente, o modelo de ensino nightingaleano, marcado pela experiência anglo-americana e vindo diretamente dos EUA para o Rio de Janeiro, foi inspirador da fundação da Escola de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde Pública, em 1923, conhecida atualmente como Escola de Enfermagem Anna Nery, pertencente à Universidade Estadual do Rio de Janeiro - UERJ. Em São Paulo, foi criada em 1938 a

Costa KS, Freitas GF de, Hagopian EM.

Escola Paulista de Enfermagem, vinculada à Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP).<sup>7</sup>

A quarta escola criada nesse modelo é a Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo - EEUSP, que começou suas atividades em 1942 com auxílio das fundações americanas Kellogg e Rockefeller, formou sua primeira turma em 1946, com 16 enfermeiras formadas. Cabe apontar que, apenas em 1950 formou-se o primeiro enfermeiro homem nessa instituição.<sup>14</sup>

Outro aspecto importante a se destacar é que o ingresso se dava por entrevista, recomendações pessoais do candidato ao curso de enfermagem e a análise do currículo. Apenas a partir de 1968, com a reforma universitária, possibilitou a inserção de homens e mulheres, independentemente do curso. A seleção por gênero a um determinado curso não ficava mais ligada a critérios de “vocação” ou comportamento considerado assim de “boas maneiras”, mas apenas pela aprovação no vestibular.<sup>15-6</sup>

Após a exclusão do homem na enfermagem moderna e seu regresso com o passar dos tempos, fica uma lacuna em descrever quem são os egressos homens na enfermagem brasileira e em São Paulo, assim como sua trajetória acadêmica e profissional, porém, no presente estudo, foi possível delimitar esse levantamento dos egressos da EEUSP.

Com isso, os objetivos da presente investigação foram:

- Identificar os homens egressos da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo desde sua fundação;
- Analisar a formação acadêmica posterior à graduação e sua vivência profissional.

## MÉTODO

Estudo histórico-social, descritivo-exploratório, de abordagem quantitativa, acerca da realidade social de um coletivo, no caso dos homens na enfermagem, por se acreditar que a história se afirmou como disciplina acadêmica no século XIX e desde então tem sido explorada por diversos pesquisadores que possuem profundo interesse por conhecer fatos e acontecimentos.<sup>17</sup>

O método histórico é narrativo acerca das coisas como efetivamente aconteceram, entre outras semelhantes, devendo o historiador decidir, refletir sobre fundamentos gerais acerca da natureza histórica, pois sem teoria não é possível haver o avanço do conhecimento. A História é investigação e requer a construção do conhecimento de uma realidade vivida, sendo designada pelo processo investigador e também pelo

Homens na enfermagem: formação acadêmica...

resultado desta investigação como reconstrução em forma de uma série de afirmações dos historiadores sobre feitos passados.<sup>18</sup>

A população investigada foi constituída pelos homens formados na Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, nas décadas de 1950 a 1990. Através das listas dos alunos formandos, foram encontrados 59 homens, e destes, estudadas e analisadas suas fichas de inscrição, no momento da matrícula, que constavam informações como: nacionalidade, etnia, religião, idade de ingresso dos estudantes, bem como nacionalidades, formação e profissão de seus pais.

Com o levantamento dos egressos, foi aplicado um questionário sociodemográfico sobre a trajetória acadêmica e profissional destes homens na enfermagem, englobando um total de 20 participantes.

Como critérios de inclusão, foram incluídos os que aceitaram o convite para participar do questionário sociodemográfico de forma livre e espontânea e que se formaram nesta escola no período delimitado acima. Para tanto, buscou-se localizar cada um dos formados, via serviço de graduação da EEUSP e suporte do Conselho de Enfermagem.

Os dados obtidos, quantitativamente, foram fundamentais para desenhar os perfis socioculturais e demográficos desse coletivo, armazenados em Planilha Eletrônica Excel e apresentados na forma de tabelas e figuras. O tratamento dos dados foi feito por meio da estatística descritiva.

O estudo foi submetido à plataforma Brasil e aprovado pela Comissão de Ensino e Pesquisa e pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Enfermagem da USP, CAAE: 43957015.0.0000.5392. Após o consentimento de cada participante, foi assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE, elaborado conforme as normas da Resolução Nº 466, de 12 de dezembro de 2012, que versa sobre os aspectos éticos em pesquisas envolvendo seres humanos.

A análise das fichas de ingresso de todos os alunos, no período estudado, possibilitou a catalogação dos formados em cada ano, o número deles por décadas e o total de formados no período, levando-se em conta homens e mulheres.

## RESULTADOS

O questionário sociodemográfico, permitiu observar que 35% (7) dos homens estavam na faixa etária de 40 a 49 anos; 40% (8) entre 50 a 59 anos, 20% (4) entre 60 a 69 anos e apenas

5%(1) era maior que 70 anos. A distribuição de homens e mulheres formados na EEUSP, no período deste estudo, pode ser observada na

tabela abaixo, a qual revela uma minoria masculina na Enfermagem entre as décadas de 40 e 90 de apenas 2,37%.

Tabela 1. Distribuição dos homens e mulheres formados na EEUSP, décadas de 1940 a 1990. São Paulo (SP), Brasil, 2015. (n=2485)

Década	Homens	%	Mulheres	%	Total
1940	0	0.00	109	100.00	109
1950	5	2.20	222	97.80	227
1960	5	1.60	308	98.40	313
1970	14	2.63	518	97.37	532
1980	13	1.84	695	98.16	708
1990	22	3.69	574	96.31	596
<b>Total</b>	<b>59</b>	<b>2.37</b>	<b>2426</b>	<b>97.63</b>	<b>2485</b>

Com relação à cor de pele, etnia ou origem étnica referida, foi constatada a presença de quatro pessoas de etnia negra (7%), das quais apenas uma tinha origem no Brasil; os outros três alunos eram provenientes de intercâmbio entre Angola, Moçambique e Brasil. Quatro são de cor parda (7%), três de cor amarela (descendentes de orientais, 5%) e 48 são consideradas brancas, abrangendo 81%.

Considerando a informação sobre escolha religiosa declarada, percebe-se que a maioria dos enfermeiros se declarou católico (49%). Entretanto, o número daqueles que não informam a escolha religiosa é grande (40%). Importante citar que também há presença de outras religiões, dentre elas, dois são protestantes, um adventista, um muçulmano, um espírita e um kardecista. Dos 29 alunos que informaram ser católicos, cinco eram padres.

No que diz respeito à idade da formação, percebe-se que a maioria dos homens se formou entre os 20-29 anos, sendo 35% entre 20-24 anos e 37% entre 25-29 anos. Há também 17% entre 30-34 anos, 7% entre 35-39 anos e 4% eram maiores de 40 anos. A média de idade de formação é 27,4 anos. A média da idade dos homens ao ingressarem na EEUSP estava próxima dos 23 anos, enquanto entre as mulheres a média era mais baixa, em torno de 19 anos. Destaca-se, ainda, que dois

homens que se formaram com idades mais elevadas, um com 43 e outro com 55 anos, respectivamente, e eram alunos provenientes de intercâmbio com Angola.

Sobre a procedência dos formados, foi encontrada uma variável interessante por revelar uma diversidade de federações e alunos nascidos em outros países. A Figura 1 mostra que, em sua grande maioria, são compostas por alunos provenientes do Sudeste. Esse fato é explicado pela localidade da EEUSP no Estado de São Paulo, o qual forneceu 37 alunos, ou 63% de todo o contingente. Minas Gerais contribuiu com cinco alunos, 8% do total. A região Sul conta com cinco alunos, sendo dois do Rio Grande do Sul e Santa Catarina e um do Paraná. O Nordeste contribuiu com seis, distribuídos em dois da Bahia e Pernambuco e um do Maranhão e Paraíba. Contém um do Norte, advindo da Amazônia.

De outros países, quatro são provenientes de países de língua portuguesa, sendo que os dois de Angola e o de Moçambique por intercâmbios e um de Portugal, não sendo o idioma uma das maiores barreiras. O aluno do Peru já possuía residência no país, não sendo possível saber sua familiaridade com o idioma. Então, aproximadamente 93% dos alunos formados eram nascidos no Brasil e 7% são de outros países.

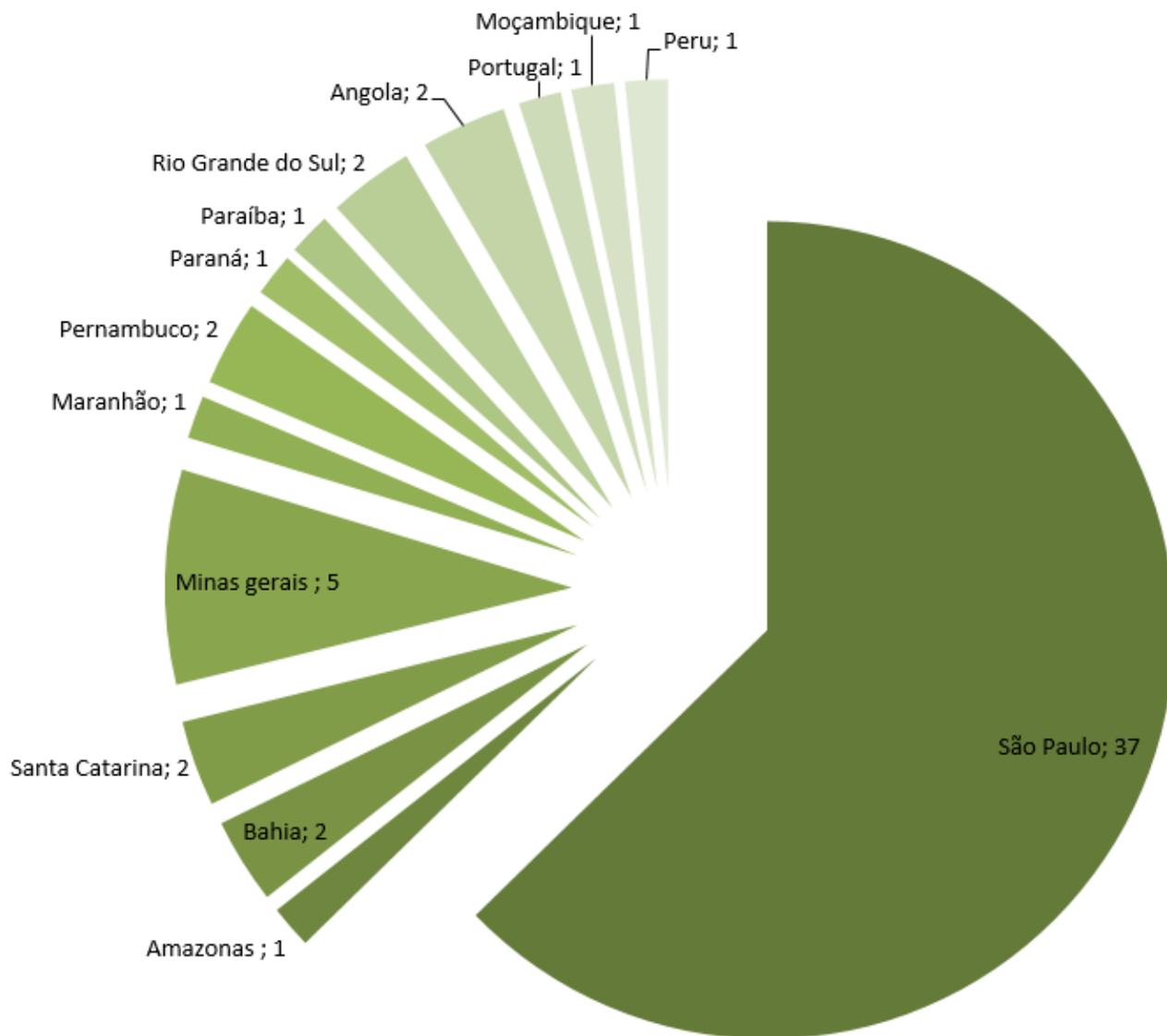


Figura 1. Caracterização dos enfermeiros formados na EEUSP, segundo a procedência. São Paulo (SP), Brasil, 2015. (n=59).

Com relação à nacionalidade dos pais dos alunos, Figura 2, a maioria possuía pais brasileiros (55), equivalente a 47% do total, sendo que oito pais eram falecidos no momento do ingresso, não sendo possível saber suas nacionalidades. Dentre os outros, dois eram italianos, quatro japoneses, três portugueses, dois libaneses, quatro angolanos e dois moçambicanos.

Observou-se que 38 de um total de 118 não informaram a procedência dos pais. Essa constatação é compreensível devido às mudanças da ficha de inscrição do aluno, a qual deixou de empregar questionamentos sobre procedência, instrução e profissão a partir da década de 1990.

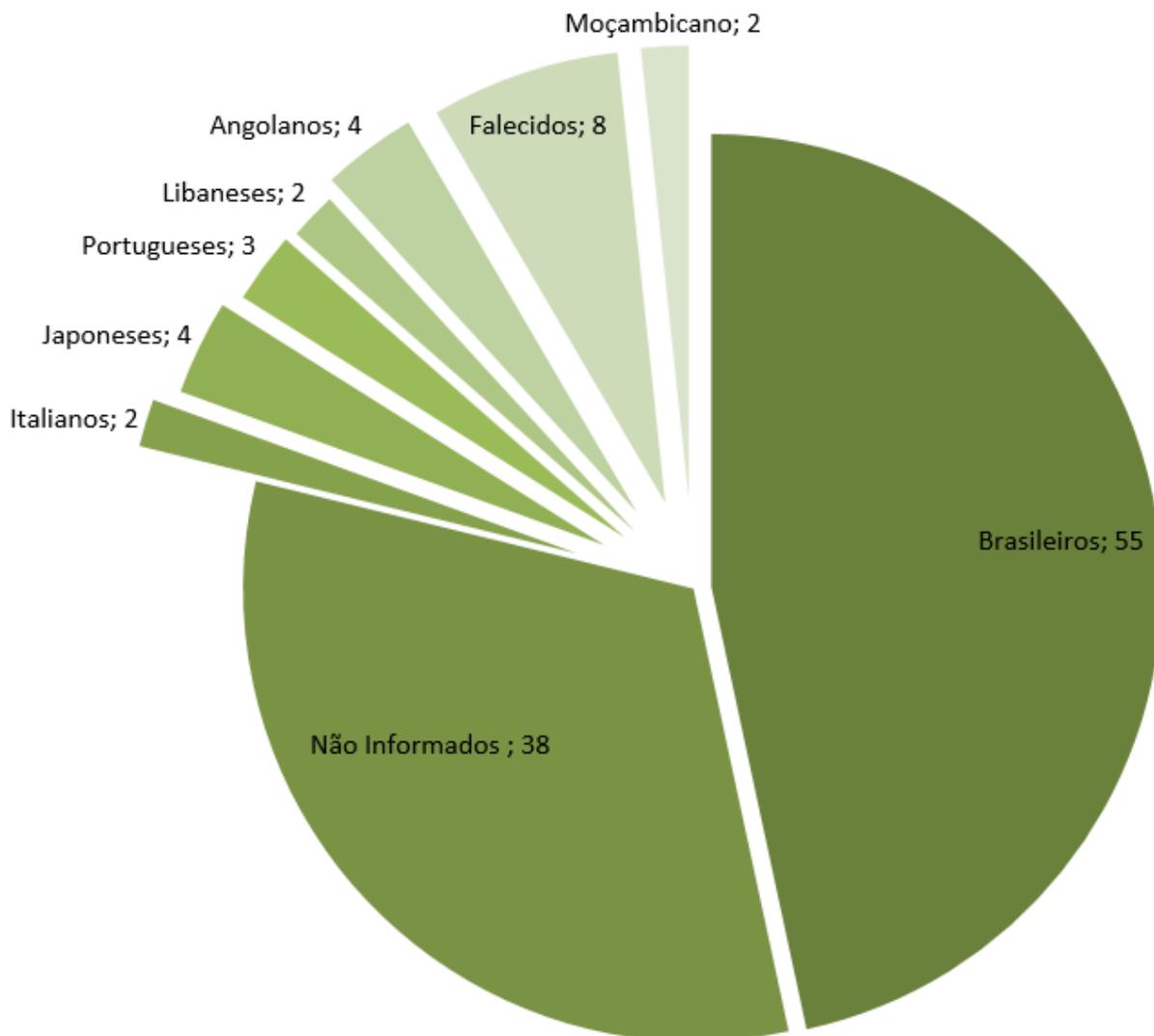


Figura 2. Caracterização dos pais dos enfermeiros formados na EEUSP segunda a nacionalidade. São Paulo (SP), Brasil, 2015. (n=118)

No que tange ao nível de instrução dos pais (homens) dos egressos, 63% possuíam apenas o ensino primário, 21% completaram o ensino médio e apenas 3% chegaram ao ensino superior, 13% eram falecidos ou não foi informado. Quanto às mães, a diferença é ainda maior, já que 81% possuíam o ensino primário, 8% o ensino médio, nenhuma o ensino superior, 3% não possuem instrução e 8% são falecidas ou não foi informado.

Quando se considerou a distribuição das atividades laborais dos pais dos enfermeiros egressos, os achados mostraram que, a maioria exercia profissões que não necessitavam de uma escolaridade além do primário, à exceção de um pai que possuía o ensino superior, no caso, medicina. As profissões que mais foram encontradas foram: agricultor (16%), comerciante (13%), seguidas de motorista (5%), funcionários públicos (5%), 8% de aposentados e 13% de falecidos e não informados. As demais profissões citadas foram: telegrafista, pedreiro, açougueiro, sapateiro, mecânico, marceneiro, carpinteiro, encanador, almoxarife, escriturário, eletricitista, metalúrgico e oficial militar.

Quanto às mães, constatou-se um grande predomínio de donas de casa ou prendas domésticas (58%), indicando que a renda desses lares era, em sua maioria, proveniente dos pais, algo muito comum nas décadas estudadas. Outro fato é a grande presença da função de domésticas (24%), seguida por costureira, agricultora e professora, sendo que, essa última, provavelmente, possuía o ensino médio.

Já relacionado ao questionário sociodemográfico, observou-se que dos 20 enfermeiros respondentes, um era formado na década de 1950, nenhum foi encontrado para o questionário na década de 1960, sete são da década de 1970, nove da década de 1980 e três da década de 1990.

Os gráficos seguintes retratam a formação acadêmica e a trajetória profissional que os enfermeiros tiveram posteriormente à sua graduação.

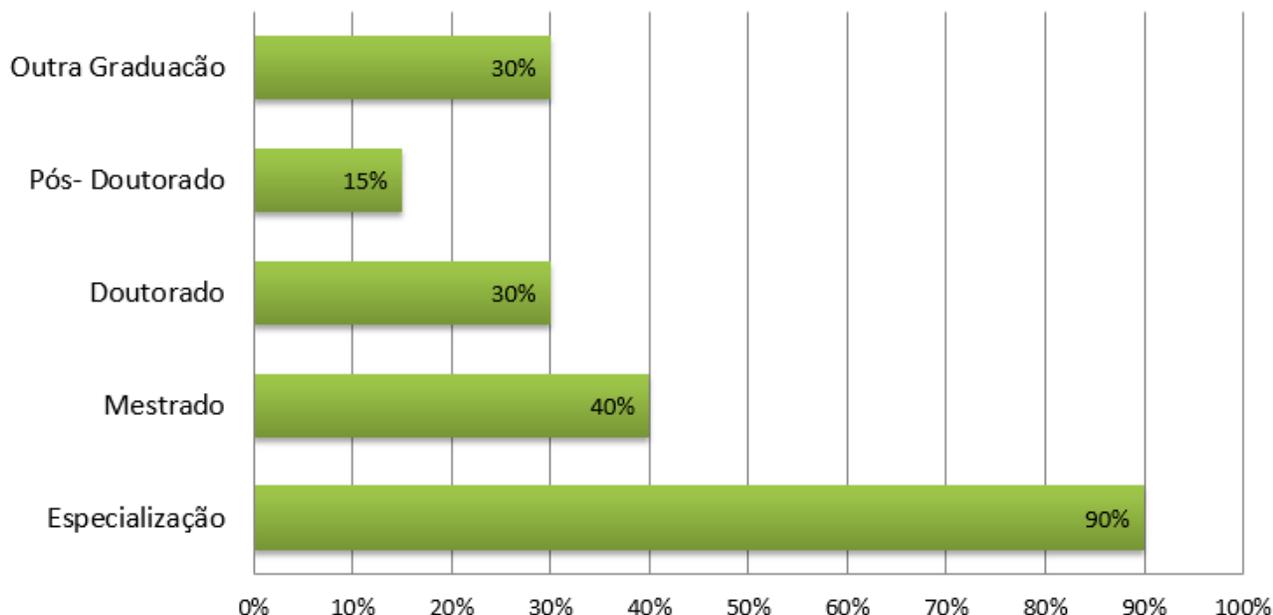


Figura 3. Formação acadêmica posterior a graduação de enfermagem da EEUSP dos enfermeiros. São Paulo (SP), Brasil, 2015. (n=20).

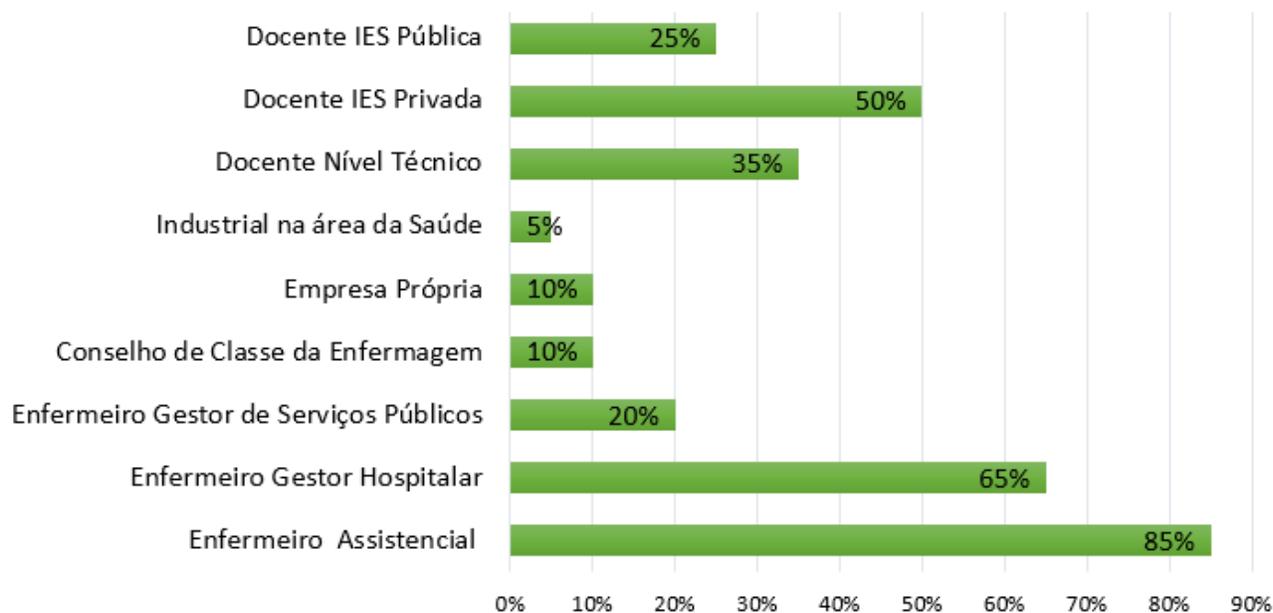


Figura 4. Ocupação profissional posterior a graduação de enfermagem da EEUSP dos enfermeiros. São Paulo (SP), Brasil, 2015. (n= 20).

Sobre a formação acadêmica dos egressos até o momento do questionário, 90% (18) referiram ter realizado especialização, pós-graduação do tipo *latu sensu*, sendo que, destes, metade possuía de duas a cinco especializações. Com relação à *stricto sensu*, 40%(8) possuíam mestrado, 30%(6) doutorado, sendo que um deles era doutorado direto e outros 15%(3) com pós-doutorado.

Cabe ressaltar que, dois participantes fizeram doutorado e pós-doutorado na área da enfermagem, mas são professores de ensino superior para cursos da área da saúde. No que diz respeito a outras graduações, foram encontrados cursos como: Licenciatura em Enfermagem, Filosofia, Teologia, Direito, Medicina, Pedagogia. Desses cursos posteriores, somente o que realizou medicina não exerceu a enfermagem. Os cursos de Filosofia e Teologia foram realizados por formandos que eram padres e os demais

cursos por pessoas que seguiram a área acadêmica e Direito especializado em saúde.

Quanto à trajetória profissional, cada pessoa apresentou uma que é diferente das demais, depende muito das oportunidades e das escolhas. Grande parte do grupo referiu trabalhar como enfermeiro assistencial após a formação (85%), exercendo suas funções em hospitais públicos, privados e demais serviços de saúde até, em alguns casos, o momento do questionário. Dos três (15%) que não referiram ser enfermeiros assistenciais, um (5%) se formou médico, não exercendo a enfermagem, e dois (10%) trabalharam apenas em ensino superior.

Após serem enfermeiros assistenciais, 65% referiram ocupar cargos de liderança em hospitais públicos e privados, como coordenadores de enfermagem, chefes de unidade e administradores hospitalares. Uma pequena porção (20%) referiu trabalhar em

Costa KS, Freitas GF de, Hagopian EM.

Homens na enfermagem: formação acadêmica...

áreas de saúde pública como secretários, subsecretários, secretário adjunto de saúde, tanto de municípios do Estado São Paulo e de outros estados, como na esfera do Governo Estadual de São Paulo.

Com relação a trabalhos nos conselhos de classe da enfermagem, apenas dois (10%) referiram essa participação, sendo que um deles era agente fiscal em um Conselho Regional de Enfermagem - COREN de outro estado, e outro foi presidente e vice-presidente do COREN São Paulo. Dois (10%) referiram possuir empresa própria, uma na área de certificação hospitalar e outra na área de treinamentos em saúde. Um único enfermeiro referiu trabalhar com diretor executivo na área industrial em empresas que produzem insumos para a área da saúde.

Outra área que agrupa um grande número de enfermeiros homens é a docência, 35%(7) referiram em algum momento lecionar e acompanhar estágios em escolas técnicas, mas quando se fala em ensino superior, esse número sobe para 50%(10) em docência em Instituições de Ensino Superior - IES privadas e 25%(5) em IES públicas.

Dos enfermeiros casados ou com união estável, a profissão das (os) companheiras (os) mais foi encontrada foi de enfermeira, sendo referida por 25%, seguida de professora (10%) e as demais formam citadas apenas uma vez: instrumentadora, terapeuta ocupacional, administradora, médica, advogada, publicitária, fisioterapeuta e do lar (5%).

Com relação aos filhos, alguns ainda eram menores de idade, e os que já apresentavam idade superior a 18 anos e trabalhavam, apresentaram as seguintes profissões, citadas apenas uma vez: psicólogo, engenheiro, pedagoga, sociólogo, "linguista", profissional de áudio visual, enfermeiro, fisioterapeuta, médica, veterinária, técnica de edificações, filósofo, advogada, produtora cultural e médica.

Um fato curioso refere-se a que apenas um filho seguiu os passos do pai e se tornou enfermeiro e se formou na EEUSP em um período posterior à proposta deste estudo.

## DISCUSSÃO

Na proporção de enfermeiros existentes no estado de São Paulo no ano 2000, 9,61% são homens e 90,39% eram mulheres.<sup>19</sup> A Enfermagem é uma profissão exercida predominantemente por mulheres, mas a porcentagem da EEUSP é muito menor que a média do Estado de São Paulo, sendo que os enfermeiros de São Paulo representam 12,8%, enquanto as enfermeiras 86,6%.<sup>1</sup>

A primeira turma formada na EEUSP foi de 1946 e era composta por 16 mulheres. Vale ressaltar que, até 1949 só se formaram mulheres, o que é explicável pela existência da residência, em regime de internato, só para mulheres.<sup>20</sup> A pequena presença masculina pode ser inferida pelo fato de que o ensino na EEUSP era em período integral, com um dos vestibulares mais rígidos do país, ficando um grande período no regime de internato, fato esse que impossibilitava muitos homens de trabalhar e estudar ao mesmo tempo, devido à necessidade de ser provedores nos lares. Este pode ser um fator impeditivo para seu ingresso e permanência no curso de enfermagem, explicando talvez, o baixo número de estudantes da época.

Das turmas formadas de 1950 a 1999, a presença masculina é diminuta, com uma média de apenas 1,09 estudantes por turma, no entanto, o contingente masculino tem aumentado, de forma gradativa e lenta, desde a década de 1990 na Enfermagem; também, deve estar associado ao fato de a Enfermagem ser uma profissão predominantemente feminina, sendo difícil para os primeiros homens ingressar neste curso, considerando que aspectos culturais e sociais da época faziam referência à sua orientação sexual. Tal fato é elucidado por um comentário de um jornal, da década de 1940, da Faculdade de Medicina da USP - FMUSP, acerca do ingresso de um rapaz no curso de Enfermagem da USP. O texto do jornal trata o fato nestes termos:

*Congratulamo-nos com o sexo forte por ter, enfim, conseguido lançar uma cabeça de ponta na E.E.(fazendo menção à Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo), pois acaba de ingressar na mesma um moço (Homem, mesmo!!!). A notícia, como era de se esperar causou preocupações entre os galãs, namorados ou noivos e mesmo entre os neutros. Porém, a reportagem na sala 4048 acaba de apreçoar a seguinte notícia tranquilizadora: "o rapaz é distinto e 'externo'!!!"(upa!?!). K.K"*<sup>21:5</sup>

Com relação à escolha religiosa, em 1970 havia 91,8% de brasileiros católicos, em 2010 essa fatia passou para 64,6%. Houve um aumento expressivo no número de evangélicos, que, nesses quarenta anos, saltaram de 5,2% da população para 22,2%. O segmento dos sem religião também cresceu de 7,4% em 2000, chegando a 8% em 2010. Os espíritas mantêm o terceiro lugar representando 1,3% em 2000 e 2% da população em 2010.<sup>22</sup>

Sobre a etnia de homens e mulheres, na atualidade, no Estado de São Paulo, há um contingente de 5,6% de enfermeiros negros, 18,9% pardas e 71,1% brancos.<sup>1</sup> Uma análise

Costa KS, Freitas GF de, Hagopian EM.

comparativa dos censos brasileiros demonstra que a população amarela decresceu, no período de 1940 a 2000, da ordem de 0,6% (242.319) para 0,4% (716.583).<sup>22</sup>

No tocante à formação, é notada a enorme diferença de gerações, pois, entre homens e mulheres enfermeiros, 36,2% dos pais têm ensino primário, 22,4% com secundário ou médio e 31,2% têm pais com ensino superior. Das mães dos enfermeiros e enfermeiras, 43,3% possuem o ensino primário, 26,5% o ensino médio, 18% o superior e 10,7% não têm instrução.<sup>1</sup>

Esse resultado revela que a procedência familiar da população estudada reflete um ambiente com baixa escolaridade e a graduação em enfermagem pode representar uma maneira de ascender em níveis educacionais e sociais. Com essa graduação, pôde ocorrer um aumento de capital cultural e capital simbólico por parte dessas famílias e indivíduos.<sup>23</sup>

Na América Latina, entre 1960 e 1990, o número de mulheres economicamente ativas mais que triplicou, passando de 18 milhões para 57 milhões. No Brasil, o aumento da participação feminina no âmbito do trabalho passa de 13,6% em 1950 para 26,9% em 1980, atingindo 47,2% no final da década de 1990. Entretanto, a maior parte dos empregos femininos continua concentrada em serviços domésticos e em menor número em áreas administrativas, social, na educação e em saúde.<sup>24</sup>

Entre enfermeiros e enfermeiras, 73,2% possuem especialização, 11,3% mestrado, 5,9% doutorado e 0,7% pós-doutorado. Dos 8,4% que realizam outras graduações, as mais procuradas são Direito e Pedagogia.<sup>1</sup> A proporção de mestrado e doutorado dos egressos é de quatro a cinco vezes maior que a média do Estado de São Paulo. Isso reflete a realidade da instituição formadora que incentiva a continuidade do estudo na modalidade *strictu sensu*, tendo esta os maiores e mais antigos programas de mestrado e doutorado do país, de 1973 e 1989, respectivamente.<sup>25</sup>

A docência em IES acontece principalmente quando o enfermeiro já tem uma vivência na profissão e procura por melhores cargos e salários, e um melhor status social e profissional. Os enfermeiros homens na Inglaterra procuram áreas de gerenciamento, educação e outras com forte presença de tecnologia como a Unidade de Terapia Intensiva - UTI.<sup>26</sup>

Esse fato também é evidenciado pelos egressos, referindo um maior reconhecimento

Homens na enfermagem: formação acadêmica...

social e profissional em áreas de gestão hospitalar, serviços públicos, conselhos de classe, área industrial e empresas próprias, ficando nítida essa satisfação ao se tornarem professores em IES, tanto privadas como públicas. A função de enfermeiro assistencial era executada principalmente no início da profissão.

## CONCLUSÃO

Com este estudo de investigação da população de enfermeiros homens da EEUSP, uma das escolas de enfermagem mais tradicionais do Estado de São Paulo, foi possível elucidar a origem dos enfermeiros e de suas famílias e desvelar algumas das vivências após a formação.

O achado remete a uma melhor compreensão sobre o perfil dos homens na enfermagem brasileira, abordando um recorte de uma universidade pública do Estado de São Paulo, revelando uma grande desproporcionalidade na questão do gênero na enfermagem, sendo esta parte do fenômeno da feminilização da enfermagem, a partir da consolidação do paradigma da enfermagem moderna.<sup>27</sup>

Cabe ressaltar que, os estudos históricos em enfermagem podem corroborar para a compreensão da trajetória profissional, além da memória e da identidade da profissão, bem como as representações e significados que têm sido socialmente atribuídos ao enfermeiro e ao que ele faz ao longo do largo processo histórico. Assim, a história da enfermagem permite-nos desvelar transformações da profissão e compreender melhor os movimentos da construção/desconstrução e reconstrução do passado, na perspectiva do resgate e da preservação da memória coletiva.<sup>28</sup>

A trajetória de uma população à margem dos holofotes da profissão nos faz ter uma melhor compreensão das áreas escolhidas pelos enfermeiros homens, muitos deles referindo que o destaque e reconhecimento social e familiar são adquiridos quando exercem áreas de liderança e gestão dentro de hospitais, serviços públicos, empresas, indústrias e principalmente quando se tornam docentes de ensino superior, tanto privados quanto públicos.

Nos dias atuais, observam-se outras oportunidades para a prática do profissional de enfermagem, que não mais se resume à assistência hospitalar e de saúde pública, portanto, são necessárias atualizações constantes e aprimoramentos profissionais

Costa KS, Freitas GF de, Hagopian EM.

com o objetivo de atender às perspectivas e demandas em diferentes áreas de atuação.

No que tange à discussão de gênero na enfermagem, novos horizontes de pesquisa podem e devem ser alargados a fim de descortinar a identidade e a memória dos homens e das mulheres, que de modo coletivo, constituem as reminiscências invocadas pelos profissionais de enfermagem.

## REFERÊNCIAS

1. Cofen, Conselho Federal de Enfermagem. Fiocruz, Fundação Oswaldo Cruz Brasília. Pesquisa "Perfil da Enfermagem no Brasil", dados de São Paulo [Internet]. 2015 [cited 2016 June 20]. Available from: [http://portal.coren-sp.gov.br/sites/default/files/Perfil%20da%20Enfermagem%20-%20Dados%20%C3%A3o%20Paulo\\_0.pdf](http://portal.coren-sp.gov.br/sites/default/files/Perfil%20da%20Enfermagem%20-%20Dados%20%C3%A3o%20Paulo_0.pdf)
2. Pereira A. Reflexões sobre a evolução da enfermagem e o surgimento do homem na profissão. Acta Paul Enferm [Internet]. 1991 [cited 2016 June 20];4(2/4):49-54. Available from: <http://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-458118>
3. Evans J. Men nurses: a historical and feminist perspective. J Adv Nurs [Internet]. 2004 [cited 2016 June 20];47(3):321-8. Available from: <http://dx.doi.org/10.1111/j.1365-2648.2004.03096.x>
4. Mericle B. The male as psychiatric nurse. J Psychosoc Nurs [Internet]. 1983 [cited 2016 June 20];21(11):28-34. Available from: <http://www.healio.com/psychiatry/journals/jpn/1983-11-21-11/%7B47b83052-833a-4160-8147-f193dbd545d9%7D/the-male-as-psychiatric-nurse>
5. Kauffman C. The Ministry of Healing. Volume 2. The History of the Alexian Brothers from 1789 to the Present. Seabury, New York; 1978.
6. Chaverri CE. Historia de la enfermería española e hispoamericana. Madrid: Ed. Universitas; 1995.
7. Oguisso T, organizadora. Trajetória Histórica da Enfermagem. 1st ed. Barueri: SP. Manole; 2014.
8. Giovanini T, Moreira A, Schoeller SD, Machado WCA. História da Enfermagem - Versões e Interpretações. 3rd ed. Rio de Janeiro: Revinter; 2010: 29-74.
9. Costa R, Padilha MI, Amante LN, Costa E, Bock LF. O legado de Florence Nightingale: uma viagem no tempo. Texto Contexto-enferm [Internet]. Florianópolis; 2009 [cited 2016 June 20];18(4):661-9. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/tce/v18n4/07.pdf>
10. Gastaldo DM, Meyer DE. A formação da enfermeira: ênfase na conduta em detrimento do conhecimento. Rev Bras Enferm [Internet]. 1989 [cited 2016 June 20];43(1,2,3/4):7-13. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/reben/v42n1-2-3-4/v42n1-2-3-4a02.pdf>
11. Miranda CML. O risco e o bordado, um estudo sobre a formação da identidade profissional. Cad Saúde Colet [Internet]. Rio de Janeiro; 1999 [cited 2016 June 20];7(2):227-31. Available from: [http://www.cadernos.iesc.ufrj.br/cadernos/images/csc/1999\\_2/artigos/csc\\_1999\\_v7n2\\_227-231.pdf](http://www.cadernos.iesc.ufrj.br/cadernos/images/csc/1999_2/artigos/csc_1999_v7n2_227-231.pdf)
12. Foucault M. Microfísica do poder. 28 ed. Rio de Janeiro: Record; 2014
13. Mott ML. Revendo a história da enfermagem em São Paulo (1890 - 1920), Cadernos pagu [Internet]. 1999 [cited 2016 June 20];(13):327-55 Available from: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=51321>
14. Carvalho AC. Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo. Resumo Histórico - 1942 - 1980. São Paulo: Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, 1980.
15. Fávelo MLA. A Universidade no Brasil: das origens à Reforma Universitária de 1968. Educar, Curitiba [Internet]. Editora UFPR; 2006 [cited 2016 June 20];(28):17-36. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/er/n28/a03n28.pdf>
16. Martins CB. A reforma universitária de 1968 e a abertura para o ensino superior privado no Brasil. Educ Soc [Internet]. Campinas; 2009 Jan/Apr [cited 2016 June 20];30(106):15-35. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/es/v30n106/v30n106a02>
17. Freitas SM. História oral: possibilidades e procedimentos. 2nd ed. São Paulo: Humanitas; 2006.
18. Janotti ML. O livro Fontes históricas como fonte. In: Pinsky CB, organizadora. Fontes Históricas. 2nd ed. São Paulo: Contexto; 2008: 9-22.
19. Aróstegui J. La investigación Histórica: Teoría Y Método. Barcelona, A & M Gràfic, S.L., Santa Perpètua de Mogoda; 2001: 17-53
20. Oliveira ES. Indicadores Essenciais para Gestão do Trabalho. Divulg saúde debate [Internet]. Rio de Janeiro; 2010 May [cited 2016 June 20];(45):126-49. Available from: <http://www.enasp.fiocruz.br/observarh/arquivos/0211-Revista%20Divulgacao%20Gestao%20No%201.pdf>

Costa KS, Freitas GF de, Hagopian EM.

Homens na enfermagem: formação acadêmica...

f

21. Silva BFF, Freitas GF, Nakamura JK. Alunas orientais que vivenciaram o internato na Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo - Brasil (1953-1970). *Cult cuid* [Internet]. 2010 [cited 2016 July 08];14(27):30-9. Available from: <http://culturacuidados.ua.es/article/view/2010-n27-alunas-orientais-que-vivenciaram-o-internato-na-escola-de-enfermagem-da-universidade-de-sao-paulo-brasil-1953-1970/pdf>

22. O Bisturi, ano XV, Coisas do H.C. 7- Na Escola de Enfermagem. Fonte: Museu Carlos Lacaz - FMUSP [Internet]. São Paulo; 1947 Apr [cited 2016 June 20];(49):1-6. Available from: [http://www.obrasraras.usp.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/2991/O\\_Bisturi\\_1947\\_A\\_no\\_15\\_n\\_49.pdf?sequence=1](http://www.obrasraras.usp.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/2991/O_Bisturi_1947_A_no_15_n_49.pdf?sequence=1)

23. IBGE. Censo demográfico 2010. Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência [Internet]. Rio de Janeiro; 2012 [cited 2016 June 20]:1-211. Available from: [http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/94/cd\\_2010\\_religiao\\_deficiencia.pdf](http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/94/cd_2010_religiao_deficiencia.pdf)

24. Nogueira MA, Catani A, organizadores. Pierre Bourdieu: Escritos de Educação. 16th ed. Petrópolis, RJ: Vozes; 2015.

25. Wermelinger M, Machado MH, Tavares MFL, Oliveira ES, Moyses NMN, Ferraz W. A Feminilização do Mercado de Trabalho em Saúde no Brasil. *Divulg saúde debate* [Internet]. Rio de Janeiro; 2010 May [cited 2016 June 20];(45):54-70. Available from: <http://www.ensp.fiocruz.br/observarh/arquivos/0211-Revista%20Divulgacao%20Gestao%20No%201.pdf>

26. Universidade de São Paulo. Escola de Enfermagem. Catalogo da pós-graduação [Internet]. São Paulo. EEUSP; 2011 [cited 2016 June 20]. Available from: <http://www.ee.usp.br/pos/catalogo/CatalogoPosWeb.pdf>

27. Whiteside J, Butcher D. 'Not a job for a man': factors in the use of touch by male nursing staff. *Br J Nurs* [Internet]. 2015 [cited 2016 June 20];24(6):335-41. Available from: <http://dx.doi.org/10.12968/bjon.2015.24.6.335>

28. Costa KS, Freitas GF. Perfil dos Homens Formados na Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo (1950 -1990). *Cult cuid* [Internet]. 2009 [cited 2016 June 20];12(26):38-48. Available from: <http://culturacuidados.ua.es/enfermeria/article/view/341/681>

29. Sauthier J, Carvalho V. A Missão Parsons: documentos históricos da EEAN / UFRJ - 1922 a 1931. Rio de Janeiro: Ana Nery/UFRJ; 1999

30. Silva EFL, Menezes HF, Rufino CG, Viana LO, Rosas AMMTF, Messias CM. Perfil do egresso do curso de graduação em enfermagem: revisão integrativa. *J Nurs UFPE on line* [Internet]. 2016 Apr [cited 2016 June 23];10(3):1483-97. Available from: [http://www.revista.ufpe.br/revistaenfermage/index.php/revista/article/view/8582/pdf\\_10082](http://www.revista.ufpe.br/revistaenfermage/index.php/revista/article/view/8582/pdf_10082)

Submissão: 24/06/2016

Aceito: 10/02/2017

Publicado: 01/03/2017

#### Correspondência

Kleber de Souza Costa  
Rua Gregório de Matos, 74, Ap. 11  
Bairro Vila Regente Feijó  
CEP: 03344-020 – São Paulo (SP), Brasil